

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a nossa trajetória pessoal de Pesquisa recapitulou a história da Psicologia? E, dado o nosso interesse de pesquisa, recapitulou, mais especificamente, a história da Psicologia do Jogo ou se atrelou aos seus determinismos psico(bio)lógicos?

Insistimos em narrar os nossos percalços em torno do brincar infantil, por acreditar que as nossas ilusões podem ser contextualizadas, datadas e compreendidas dentro de uma história maior (bem maior que a história pessoal e profissional!) que tem consequências nas práticas psicopedagógicas atuais.

Vemos a nossa insistência em realizar a criação de mais um método “novo” para estimular capacidades maturacionais como resultado de nosso condicionamento ao pensar psicológico, feito Ciência a partir do século XIX.

Então, pareceu-nos necessário examinar a história da Psicologia e encontrar os “ingredientes” que nos impregnaram da vontade de “cientificar” as práticas educativas de uma pequena praia – Guriú.

E fomos encontrando uma Psicologia tão aliada da Biologia, para se fazer Ciência, que resolvemos dar-lhe o “pseudônimo” de Psico(bio)logia, ciência que reifica as emoções, e torna a nossa existência um previsível acontecer, controlável e sem incertezas.

Examinando a obra de dois grandes clássicos pensadores da Psicologia do Jogo, fomos encontrando, por um lado, as marcas desta “biopsicologização” (ou deste determinismo biológico) e, por outro lado, parecia-nos não ter passado este discurso sobre o brincar, de fins de século XIX e primeiras décadas do século XX.

É atual estimular capacidades maturacionais com jogos infantis, é moderno entregar brinquedos a serem consumidos em uma específica faixa etária, está em voga transformar as brincadeiras em metodologia. E até onde caminhamos, Karl Groos e Stanley Hall não são lembrados como figuras inspiradoras. Acreditamos estarem recalçados, porém vivos! Aspecto que não nos interessou neste trabalho, mas que pode servir de idéia inicial para outra investigação.

Poder-se-ia examinar outros estudiosos dos jogos infantis (e até mesmo estes autores já comentados neste trabalho) e analisar a recente produção da Indústria de Brinquedos, com suas “bulas” informativas sobre o uso científico dos “instrumentos” lúdi-

cos e o atrelamento aos determinismos psico(bio)lógicos de tais teorias. O anúncio televisivo de tais brinquedos poderia ser também examinado.

Lembrando os dramas cantados de Guriú, insistimos em pensar o brincar infantil para além do pré-exercitamento de funções (Groos) ou de herança instintiva dos antepassados (Stanley Hall). Essas meninas de ontem (e as de hoje ) realizavam um desejo que as acompanhava sempre: serem adultas! E assim descobrirem o que julgam que o adulto sabe: qual é o desejo que o anima?

Crianças brincam de ser. E configuram-se aí não só as impossibilidades próprias da idade (já que não alcançaram ainda a puberdade); elabora-se também, em cada faz-de-conta que se é a dona de casa ou o marido que vai trabalhar, uma possibilidade de melhor compreender o que ainda viverão, ou seja, a vida adulta e o desejo que a anima.

O exame das considerações da Psicanálise sobre o brincar infantil revelou-nos que, para além de pré-exercício de capacidades maturacionais, a brincadeira de uma criança fala-nos da vida. Trata-se de uma “arte” infantil que constitui o sujeito. É possível encontrar nas brincadeiras infantis os traços, as marcas, os esboços, os detalhes deste fazer-se alguém que deseja, deste fazer-se sujeito do desejo.

Santa Roza defende uma “dimensão ontológica do brincar como um movimento constituinte da realidade psíquica, capaz de promover o estabelecimento das relações do sujeito com a realidade. Longe de ser apenas uma expressão da sexualidade infantil, ele promove a tessitura da fantasia, reconciliando o inconciliável, como lugar da ilusão, da realização do desejo.”<sup>1</sup>

Ensaíamos, ao escrever este trabalho, entender o brincar infantil para além de uma herança instintiva dos antepassados (Stanley Hall). Fomos tentando aliar as proposições psicanalíticas sobre o brincar com o que nossos olhos e ouvidos nos fizeram conhecer sobre quatro diferentes gerações de “brincantes” de duas famílias de Guriú.

Nestas tentativas, íamos indagando se algo das teorizações de autores vinculados ao pensamento psicanalítico explicaria as formas de brincar de Guriú ou, até mesmo o contrário, se haveria algo nas brincadeiras infantis de Guriú que fizesse as teorias psicanalíticas serem re-significadas a partir de dados de Pesquisa de Campo.

---

<sup>1</sup> SANTA ROZA, *Ibidem*, p. 144.

Indagamos, entre outras tantas reflexões (os dramas cantados, o faz-de-conta das novelas mexicanas e da dança do Bumbum), se o “fort-da” é um espécie de jogo de esconder.<sup>2</sup>

Quando foi possível, encontramos resposta a esta e a outras perguntas nas nossas leituras dos referenciais teóricos psicanalíticos. “Quando a mãe constitui o próprio objeto, sendo, conforme Lacan, ‘a mãe real’, o exemplo dado por Freud [18] do jogo do carretel mostra-nos a via do enlace de uma atividade motora, de um funcionamento, com a simbolização que vai, pelo *Fort-Da*, escandir a presença e a ausência, escansão que se aproxima daquilo que seria uma antecipação. Esta é da ordem do imaginário, naquilo que é dado a ver, no jogo e na motricidade, na imagem e em seu desvanecimento; ela é simbólica daquilo que foi previamente falado pela mãe, nos jogos de encontros anteriores: não é apenas a imagem do objeto real que está aqui em causa, por seu aparecimento e desaparecimento, é também e sobretudo a voz da mãe (ou do pai), comentando o jogo de esconde-esconde, que é atualizada na articulação do *fort-da*; corpo engajado na palavra, e também na audição da diferença significativa dos fonemas que marcam a ausência ou a presença: discriminação essencial para apreender que uma não pode proceder senão da outra..”<sup>3</sup>

Então, fica marcado na nossa escrita que era impossível esquecer as “lembranças” dos dias passados em Guriú e do que estas permanências nos revelaram sobre o brincar de ontem e hoje. E lançamos, ao longo deste trabalho, perguntas que nos “transplantavam” para aquela Praia do Oeste Cearense, tais como esta: o esconde-esconde persegue nossas vidas infantis?

E as entrevistas, as anotações de Campo, um suspiro ou um sorriso de um idoso – destes suspiros e sorrisos inesquecíveis na hora da narração de suas histórias de vida –, nos lançavam na compulsão de “falar” da nossa pesquisa (situação repetida ao longo de muitas páginas) e então nos colocávamos nesta tentativa de aliar teoria e pesquisa.

Seguíamos falando do que nos diziam em Guriú, desta e de tantas outras descrições sobre o brincar que nos chegaram aos ouvidos: Sobre o esconde-esconde nos foi narrado que os meninos de Guriú haviam adaptado, à luz dos heróis dos desenhos animados, essa tradicional brincadeira de outras gerações de Guriú. A narrativa das histó-

---

<sup>2</sup> Começamos, a partir daqui, a comentar alguns aspectos do jogo de esconde-esconde que não foram tratados no decorrer dos outros capítulos, e que nos auxiliarão na tentativa de tecer considerações finais sobre as alianças criadas entre o pensamento psicanalítico e as brincadeiras de Guriú.

<sup>3</sup> BERGÉS, J. & BALBO, G. *A Criança e a Psicanálise*. Tradução de Francisco Franke Settineri, Porto Alegre, Artes Médicas, 1997, p. 91.

rias vistas pela televisão transforma-se, nas mãos das crianças, num novo enredo para este brincar de se esconder.

Estes meninos se ocultam nos matos para dificultar a captura dos escondidos, e revelam que um adulto pode ter a impressão de que se bate de verdade. Seria um jogo “violento”? Um dos nossos entrevistados garante que, neste jogo, não se bate de verdade, é tudo faz-de-conta! Para evitar outros mal-entendidos, impedem que as meninas participem desta brincadeira, pois julgam que, se meninos e meninas fossem se esconder nas matas, haveria versões maldosas por parte dos adultos! O entrevistado não chega, porém, a nos esclarecer sobre o que seriam estas pressuposições dos adultos.

Interpretações adultas à parte, as crianças explicam que não estão brigando e nem tampouco fazendo algo que possa ser impróprio às meninas. Realizam tão-somente a velha brincadeira de esconde-esconde, antiga companheira das infâncias de todas as gerações ouvidas no Guriú. A incorporação dos personagens dos desenhos infantis não alterou a regra fundamental deste brincar: uns se escondem e outros procuram. Só que agora, fazem-de-conta que são os super-poderosos dos desenhos infantis televisivos!

Pimenta nos ajuda a entender a dimensão histórica das lutas, que nem sempre ameaçavam o sono dos adultos quanto têm ameaçado (atualmente) em Guriú. Os evangélicos falam muito da “violência” dos desenhos animados, que se espalha nas brincadeiras infantis. Lá em Guriú são lembradas as lutas de dois homens muito respeitados pela comunidade e que, aos domingos, ofereciam lutas à população. Era uma festa a “briga” dos dois irmãos (quando ainda não havia programa do Gugu ou Domingão do Faustão).

Este autor nos lembra que, na “Roma antiga, os cidadãos se compraziam com lutas sangrentas ou assistindo à devoração de cristãos por leões ou tigres. Na Idade Média, as justas freqüentemente terminavam com a morte do vencido. Atualmente, apesar de não termos mortes no final, a vibração com a derrota do adversário no jogo parece expressar as mesmas fantasias de dominação e júbilo, com a submissão e o sofrimento do outro. Simbolicamente, vivemos a morte e a devoração do nosso adversário, e isso nos dá grande prazer. Se dissermos isso a algum torcedor, no campo, certamente ele negará esse prazer com o sofrimento alheio, dizendo que sua alegria advém da vitória de seu time, que nada tem a ver com ódio ou sadismo. E talvez fique até indignado com nossa proposição. Pois bem, essas fantasias que nos causam vergonha ou repulsa precisam ser

expressas e vividas simbolicamente. São elas que realizamos também através da música, nas telas de cinema ou, ainda, nas páginas dos livros.”<sup>4</sup>

Os Power-Rangers ajudam a diminuir esta sensação de impossibilidade de ser tal e qual o adulto que a própria infância nos traz; a viver as fantasias de bem e também de mal. A Psicanálise estuda esta reprodução do que as telas de televisão oferecem às crianças. Ao ver os meninos de Guriú reproduzindo, no seu brincar, algo que lembra os desenhos animados da TV, não adotamos “diante destes episódios a posição soberba dos homens de ciência diante de uma besteira. Mas, na Psicanálise, é precisamente de besteiras que se trata, porque nelas navega o fundamento do laço social, a saber: o mal-entendimento do desejo, ou desejo mal-entendido, como vocês preferirem.”<sup>5</sup>

A infância foi sempre o momento em que a cultura ofereceu, às novas gerações, os fantásticos heróis da história oficial ou os idílicos princípios de organização social que não resistiram à mais elementar prova da realidade. Também as religiões sabem que é esse, o do mais tenro broto, o melhor momento para enxertar, com boas chances de se estabelecer como realidade, a maior obra da literatura fantástica universal: a Bíblia.”<sup>6</sup>

Os autores afirmam: “hoje é duvidoso que continuem sendo a escola ou a igreja as instituições que têm o maior peso no processo de transmissão do discurso social. Certamente são hoje os meios de comunicação de massas os que perfazem nossas ‘religiões’”<sup>7</sup>

Estas alianças entre o pensamento psicanalítico e estas considerações sobre o Guriú nos fizeram chegar a inúmeras conclusões, tais como: Não há qualquer possibilidade de suspender o uso das televisões neste recanto junto ao mar. As lutas dos irmãos não podem mais ser a principal atração de domingo e as meninas não apresentam mais os dramas cantados. A televisão em Guriú, tal e qual nas grandes e médias cidades deste país, montou um “império” eficiente e lucrativo para quem dela faz comércio. “E salta à vista como esses meios sustentam um discurso que vai da marca de produtos industriais que promete o objeto da satisfação absoluta à divulgação de uma série de mitos avalizados por significantes vindos do discurso científico, mas articulados de modo tal que, se de um lado se apóiam na garantia do saber científico, de outro não conseguem ocultar

---

<sup>4</sup> PIMENTA, 53-54

<sup>5</sup> JERUSALINSKY, A. & TAVARES, E. E. *O brincar é a realidade – acerca de algumas questões de atualidade na psicanálise da infância*. In: Boletim da APPOA, Porto Alegre, 1992, nº 7, pp. 6-9

<sup>6</sup> IBIDEM, p. 7.

<sup>7</sup> IBIDEM, p. 7.

sua pretensão de estabelecer um laço unívoco e convergente no ‘objeto’, como lugar onde se confundem produção e verdade, sujeito e marca.”<sup>8</sup>

Entretanto, faltam outras marcas que, tanto no passado quanto no presente, são funções dos adultos. Faltam as marcas simbólicas, e delas a televisão não tem conseguido dar conta. Do que podemos ver em Guriú, impõe-se uma urgência : Mesmo que os brilhos dos dramas cantados não possam ser comparados ao esplendor da TV, é urgente recuperar a memória dos pais (pois estas marcas simbólicas aí estão). As manifestações culturais de Guriú, longe das “dancinhas” que a televisão nos apresenta, precisam ser revividas. Se um dia for possível fazer uma espécie de “caça aos tesouros perdidos no fundo do mar”, que banha Guriú, algo diferente pode começar a ser lançado. E que esta movimentação não demore a acontecer: este é o voto de fé que impulsionou a escrita deste trabalho.

Escolhemos o caminho da crítica aos determinismos psico(bio)lógicos que recheiam as teorias sobre o brincar e que terminam exercendo algumas influências sobre a educação (quando se pretende realizar uma nova metodologia que envolva as brincadeiras infantis), sobre o estabelecimento das compras de brinquedos dos pais (que devem seguir padrões científicos), sobre o “gigantismo” da televisão invadindo as brincadeiras das crianças e passando a ilusão de sermos pessoas falando a mesma “língua” dentro de um País cheio de Guriú’s com tantas especificidades, dançando a mesma dança da Xuxa ou da Carla Perez e chorando diante dos dramas dos personagens das novelas.

Quando voltarmos a Guriú não arriscaremos o “pescoço” propondo algo parecido com o desligamento de todas as televisões, em prol do “pleno desenvolvimento infantil”. É impossível apagar, da noite para o dia, com o encantamento que a TV desencadeia. Mas, passados os excessos e crenças psico-pedagógicas do uso de Jogos em sala de aula, narrados no 1º capítulo, é possível retornar e colaborar para que as diferenças entre o brincar de ontem e de hoje possam dialogar.

Talvez seja possível realizar junto aos educadores, aos nossos memorialistas e aos jovens e crianças algo que fale em nome da preservação de uma memória cultural, que não iremos questionar se é regional ou universal, se chegou de “barco” ou veio a “pé”, mas que faz parte dos relatos dos mais velhos e que tem a ver com estes brinquedos

---

<sup>8</sup> JERUSALINSKY, A. & TAVARES, E. E. *O brincar é a realidade – acerca de algumas questões de atualidade na psicanálise da infância*. In: Boletim da APPOA, Porto Alegre, 1992, nº 7, p. 7.

usados no passado, com os dramas cantados exibidos antigamente e que remontam ao cenário das brigas dos dois irmãos de Guriú que coloriam os domingos sem TV.

A escola, este antigo “templo” do saber e da memória deixada pelas mais antigas gerações que nos antecederam, talvez possa ser um lugar apropriado para estes encontros ao redor das alegrias do brincar de avós, pais e crianças. Crianças atuais poderiam ser preparadas pelas avós para realizar uma apresentação pública de um dos “velhos” dramas-cantados, em alguma festividade importante para esta comunidade. Neste pequeno encontro, seriam ensaiadas algumas marcas, que poderiam desencadear a redescoberta dos potenciais criativos, de uma “intervenção” adulta junto ao brincar das crianças e de gente de “carne e osso” transformando sintoma em criação artística. E fazendo já alguma diferença, movimentando corpo e cabeça, de forma criativa, agora estacionados a ver somente as personagens “emergentes” da telinha.

Suspeitamos que este trabalho ajudará a re-significar a presença dos adultos significativos, junto ao brincar infantil. Como diz o Poeta do Pantanal :

*“o homem deixou o filho num cisco e saiu de  
a pé comendo fruta no mato  
Tem certidão desse homem por tudo quanto  
É vereda  
Tem tapera e osso de caititu por tudo quanto  
É lugar”<sup>9</sup>*

Os adultos precisam semear idéias, deixar marcas simbólicas e ajudar a contornar a ordem “estabelecida”. Ordem que insiste em prometer-nos uma felicidade que se compra com cartão de crédito, por telefone, e que nos redime das tristezas, do mal-estar e nos exime da responsabilidade para com os referentes simbólicos oferecidos por essa “gente grande” que nos cerca quando ainda somos crianças, e com os quais levamos boa parte do tempo a brincar.

---

<sup>9</sup> Trata-se de parte de um poema de Manuel de Barros, intitulado Sete Inutensílios de Aniceto, contido no livro *Arranjos para Assóbio* (In: Barros, M. *Arranjos para assobios* Rio de Janeiro, Record, 1998, p. 54).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANDERY, M. (ORG.) *Para compreender a Ciência*. Rio de Janeiro, Ed. Espaço e Tempo (Educ. São Paulo), 1988.
- ANTUNES, C. *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1997.
- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1981.
- BANDET, J.& SARAZANAS, R. *A criança e os brinquedos*. Lisboa, Editorial Estampa, 1973.
- BARTHES, R. Brinquedos. In: *Mitologias*. Lisboa, Edições 70, 1988.
- BENJAMIN, W. *O Narrador*. In: Benjamin, W.- Horkeimer, M. - Adorno, T.W e Habermass, J.. *Textos escolhidos*, São Paulo, Abril, Série “Os pensadores”, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari, São Paulo, Summus, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BERGÉS, J. & BALBO, G. *A Criança e a Psicanálise*. Tradução de Francisco Franke Settineri, Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- BIRMAN, J. *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo, Editora 34, 1997.
- BOCK, A.M.B. et alli. *Psicologias – Uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo, Ed. Saraiva, 1997.



BROUGÈRE, G. *Jogo e educação*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos, Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

CALLIGARIS, C. (ORG.) *Educa-se uma criança?* Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994.

\_\_\_\_\_. *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo, Ática, 1996

CAMPOS, J.C. & CARVALHO, H. A.G. *Psicologia do desenvolvimento: influência da família*. São Paulo, Edicon, 1981.

CARMICHEL, L. *Manual de psicologia da criança*. Paul Mussen (ORG.), Coordenador da Ed. Brasileira Samuel Pfromm Netto, São Paulo, EPU e EDUSP, 1975.

CHEMANA, R. *Dicionário de Psicanálise Larousse/Artes Médicas*. Tradução Francisco Franke Settineri, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

DOLTO, F. *As etapas decisivas da infância*. Tradução de Maria Ermantina Galvão, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

DEBESSE, M. & MIALARET, G. *Tratado das ciências pedagógicas*. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna, São Paulo, Editora Nacional, EDUSP 1974.

LAJONQUIÈRE, L. de. *De Piaget a Freud – para repensar as aprendizagens*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Psicanálise, a educação e a Escola de Bonneuil – A (À) Lembrança de Maud Mannoni*. Estilos da Clínica, nº 4, 1998, pp. 65-79.

\_\_\_\_\_. *Dos erros e em especial daquele de renunciar à educação: notas de Psicanálise e educação*. Estilos da Clínica, nº 3, 1997, pp. 27-43,

- ELKONIN, B.B. *Psicologia del juego*. Madrid, Visor Libros, 1980.
- FERREIRA, A.B.H. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa*. Porto Alegre, J.E.M.M. Ed., 1988.
- FITZGERALD, H. et alli *Psicologia do desenvolvimento: o bebê e a criança pequena*. Tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Campus, 1983.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail, 3ª edição, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Doença mental e Psicologia*. Tradução de Lilian Rose Shalders, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir – Nascimento da prisão*. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo, Petrópolis, RJ, Vozes, 1987.
- FREUD, S. (1905) *Tres Ensayos para una teoria sexual*. Espanha, Biblioteca Nueva, 4ª edição, 1981.
- \_\_\_\_\_. (1908) *El poeta y los sueños diurnos*. Espanha, Biblioteca Nueva, 4ª edição, 1981.
- \_\_\_\_\_. (1910) *Cinco Lições de Psicanálise; Contribuições à Psicologia do amor*. Tradução de Durval Marcondes, Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1920) *Além do princípio do prazer*. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica, Rio de Janeiro, Imago, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1930) *El Malestar en la cultura*. Espanha, Biblioteca Nueva, 4ª ed., 1981.
- FRIEDMAN, A. *O direito de brincar: a brinquedoteca*. São Paulo, Scritta: Vitae, 1992.

- HEIDBREGER, E. *Psicologias do século XX*. Tradução de Lauro S. Blandy, S. Paulo, Ed. Mestre Jou, 1969.
- ITARD, J. Memória acerca dos primeiros progressos e Vitor de Aveyron. In: MALSON, L. *As Crianças selvagens – Mito e realidade*. Tradução Carlos Cidrais Rodrigues, Porto, Civilização Ed., 1988.
- JAPIASSU, H. *A Psicologia dos Psicólogos*. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1983.
- JERUSALINSKY, A. & TAVARES, E. E. *O Brincar é a realidade – acerca de algumas questões de atualidade na Psicanálise da Infância*. AAPOA Boletim, Agosto de 1992, pp. 6-9.
- JERUSALINSKY, A. *Para uma clínica analítica das psicoses*. Revista “Estilos da Clínica”, Ano II, Nº 2, 2º Semestre de 1997.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogos Tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O jogo e a Educação infantil*. São Paulo, Ed. Pioneira, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Brinquedoteca: Espaço do brincar estimula a criatividade e a socialização*. In: AMAE Educando, ano XXVIII, nº 250, 1995.
- \_\_\_\_\_. (ORG.) *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo, Cortez Ed., 1996.
- \_\_\_\_\_. (ORG.) *O brincar e suas teorias* São Paulo, Pioneira, 1998.
- KAMMI, C. & DEVRIES, R. *Jogos em grupo na educação infantil – implicações da teoria de Piaget*. Tradução de Marina Célia Dias Carrasqueira, São Paulo, Trajetória Cultural, 1991.
- KLEIN, M. *Psicanálise da criança*. Trad. de Pola Civelli, S. Paulo, Mestre Jou, 1969.

- \_\_\_\_\_. *Novas tendências na psicanálise – A Técnica Psicanalítica através do Brinquedo: Sua História e significado*. Tradução de Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Contribuições à Psicanálise*. Tradução de Miguel Maillet, São Paulo, Mestre Jou, 1970.
- LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário – Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan, Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- LENTIN, J-P. *Penso, logo me engano – Breve história do besteirol científico*. Tradução Marcos Bagno, São Paulo, Ed. Ática, 1996.
- LINAZA, J.L. *Jugar y aprender*. Espanha, Ed. Allambra Longman, 1992.
- LOPES, M.G. *Jogos na educação: criar, fazer, jogar*. São Paulo, Cortez, 1999.
- MANNONI, M. *A Educação impossível*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1977.
- MANNONI, O. *O Sujeito, o corpo e a letra*. Tradução de Fernando Cabral Martins e Maria Margarida Calvent Barahona, Arcádia, Lisboa, Portugal, 1977.
- MILLER, J. (ORG) *A Criança no Discurso Analítico*. Tradução de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.
- NASIO, J.D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

- OLIVEIRA, V.B. de *O Símbolo e o brinquedo: a representação da vida*. Petrópolis, Vozes, 1992.
- OSTERRIETH, P. *Introdução à psicologia da criança*. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna, 12<sup>a</sup> ed., S. Paulo, Ed. Nacional, Atualidades pedagógicas, v. 83.
- PENNA, A.G. *Introdução à História da Psicologia Contemporânea*. Zahar Editores, 1980.
- PEREIRA, M.R. *O Avesso do modelo - Bons professores à luz da Psicanálise*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 1998.
- PIAGET, J. *A Formação do símbolo na criança*. Trad. de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica, Rio de Janeiro, 1990.
- PIMENTA, A. C. *Sonhar, brincar, criar e interpretar*. São Paulo, Ática, 1986.
- RODULFO, R. *O Brincar e o significante*. Tradução de Francisco Franke Settime-Ri Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- ROSAMILHA, N. *Psicologia do jogo e aprendizagem infantil*. São Paulo, Ed. Pioneira, 1979.
- ROSENFELD, A. *O pensamento psicológico*. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da Educação*. Tradução de Sérgio Milliet, Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil S.A, 1992.
- SANTA ROZA, E. *Quando brincar é dizer – A Experiência Psicanalítica na Infância*. Rio de Janeiro, Relumê-Dumará, 1993.
- SANTA ROZA, E. & REIS, E. S. *Da análise na infância ao infantil na análise*. Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, 1997.

SANTOS, S. M. P. dos. *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

SOIFER, R. *A criança e a TV - Uma visão psicanalítica*. Tradução de Iara Rodrigues, Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

TANIS, B. *Memória e Temporalidade – Sobre o infantil em Psicanálise*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.

TAVARES, E. E. *O Brincar na Clínica com crianças*. Ato e Interpretação, Ano VIII, nº 14, APPOA, Março de 1998

TELES, M.L.S *O que é Psicologia?* São Paulo, Brasiliense, 1995.

WINNICOTT, D. W. *o Brincar e a realidade*. Tradução de José Octavio de Aguiar e Vanede Nobre, Rio de Janeiro, Imago, 1975.